

REVISTA DE CABO VERDE

EDITOR RESPONSÁVEL
Abílio da Cruz Madeira

Director — L. LOFF DE VASCONCELLOS
S. Vicente de Cabo Verde

IMP. DE LIBANIO DA SILVA
R. do Norte, 91 — LISBOA

REPRESENTAÇÃO

SENHOR.

Os abaixo assignados, proprietarios e negociantes, residentes na ilha de S. Vicente de Cabo Verde, usando da faculdade que lhes confere a Carta Constitucional, veem muito respeitosa e ante o throno de Vossa Magestade, representar o seguinte.

SENHOR.

A ilha de S. Vicente, pela sua incomparavel situação geographica, amplitude do seu porto e importancia dos seus vastos e bem aprovisionados depositos de carvão, está em condições vantajosissimas de ter um largo e prospero futuro e de poder vir a sêr um porto de escala de primeira ordem para o abastecimento de carvão aos vapôres, não o sendo já pela absoluta falta de attenção que tem havido para o seu desenvolvimento, ao passo que o porto de Las Palmas nos ultimos doze annos tem progredido extraordinariamente e decuplicado em navegação e em rendimento, com sensivel prejuizo para S. Vicente, onde o numero d'entradas de vapôres tem decrescido espantosamente n'estes ultimos annos.

Em 1896 o numero de vapôres entrados em Las Palmas foi de 2:032, em Tenerife 1:324 e em S. Vicente 1:556, notando-se que uma grande parte d'estes receberam n'este porto apenas uma quantidade minima de carvão, sufficiente sómente para chegar ás Canarias, onde foram e continuam a ir completar o seu aprovisionamento de combustivel.

Como se vê, pois, as Canarias vão prosperando sem embargo da situação mais vantajosa de S. Vicente, gosando de uma preferencia que só se justifica pela solicitude e attenção que o governo hespanhol tem dispensado aquella colonia, introduzindo alli importantes melhoramentos, que tem concorrido para tornar os seus portos uma estação carvoeira com todos os elementos indispensaveis de vida, de attracção e de progresso, que faltam a S. Vicente.

Por outro lado o governo francez ultimamente tem votado enormes sommas destinadas a melhoramentos de Dakar, onde recentemente se estabeleceram importantes depositos de carvão, que estão fazendo egualmente uma terrivel concorrência a S. Vicente, chegando a vir contratar-se n'esta ilha trabalhadores para o serviço de carvão n'aquella colonia, com salarios muito mais convidativos e remuneradores, tendo-se desviado para ali já um avultado numero de trabalhadores, com tendencia para continuar a emigração, facto que pode de futuro trazer maiores prejuizos a S. Vicente e que está ocasionando a desnacionalisação de uma parte de subditos portuguezes.

Em opposição a todos os desvelados cuidados e protecção que os governos das duas colonias a que nos vimos de referir lhes estão prestando, vemos com magua a pouca attenção que o desenvolvimento material

e o progresso de S. Vicente tem merecido, como os factos tristemente demonstram e a não provêr-se de remedio prompto a este mal, será inevitavel o completo desvio para aquellos portos da reduzida navegação, que presentemente se dirige a S. Vicente, e a dar-se este lamentavel e deploravel caso, o aniquilamento da provincia de Cabo Verde seguir-se-ha ao de S. Vicente porque ella depende em grande parte dos rendimentos d'esta ilha.

Mas, Senhor, julgam os signatarios d'esta, que se o governo de Vossa Magestade, attender ao justo pedido que lhe vão fazer agora a situação precaria presente de S. Vicente melhorar-se-ha e a navegação affluirá consideravelmente ao seu porto, concorrendo isto tambem para augmentar os rendimentos publicos e restaurar as tristes circumstancias do povo d'esta ilha.

Actualmente S. Vicente rende cerca de 153 contos de réis, somma que representa a metade da receita da provincia e não se justifica o systematico procedimento de se regatear a esta ilha os melhoramentos de que ella instantemente carece e que de anno para anno se vão preterindo, desviando-se a quasi totalidade d'esse rendimento para melhoramentos nas outras ilhas, sendo certo que a ilha de S. Vicente é aquella que mais jus e necessidade tem de sêr melhorada, não só por sêr a que tem mais rendimento, como tambem por sêr mais exposta aos reparos dos estrangeiros que a visitam diariamente e que levam a mais triste impressão do nosso progresso e adiantamento e que comparando a decadencia d'esta ilha com o florescimento das Canarias e Dakar hão de julgar desfavoravelmente do nosso tino administrativo.

Alem de tudo isto, outras causas, não menos importantes tem dado a superioridade ás Canarias e attahido para ali a navegação e que se não devem deixar de mencionar aqui, pedindo-se para ellas a seria attenção do governo de Vossa Magestade.

A Hespanha obedecendo a uma intelligente orientação, tem desenvolvido activamente a industria e a agricultura nas Canarias concedendo vantagens exceptionaes ao commercio conseguindo já exportar muito gado e outros productos, completando assim a carga dos vapôres que ali tocam e compensando-os do atraso da viagem. Alem d'isto, tem construido excellentes portos d'abrigo e concedido enormes vantagens ao commercio maritimo.

Ora, apenas a 9 milhas de S. Vicente temos nós a ilha de S.^{to} Antão, com seus uberrimos e extensos campos incultos e se o governo protegesse e animasse a sua agricultura, abrisse estradas e caminhos e favorecesse a criação de gado ali, em poucos annos esta ilha estaria em condições de offerecer aos vapôres que tocassem em S. Vicente fretes remuneradores com a exportação de gado e outros productos ricos, como café, que tão bem produz ali e cuja cultura se não tem desenvolvido por falta de protecção do governo.

A ilha de S.^{to} Antão poderia tambem produzir vantajosamente cacau, quina, borracha e algodão, productos esses tão ricos e procurados nos mercados eu-

ropeus, mas para se conseguir isso, torna-se necessario que o governo ponha em pratica os meios indispensaveis e estude com consciencia as causas do atrazo d'aquella ilha, removendo todas as difficuldades que estão obstando ao seu desenvolvimento.

Os interesses e o futuro de S. Vicente ligam-se directamente com o desenvolvimento da agricultura em S.^o Antão e se o governo não ponderar a tempo esta verdade, em muito pouco tempo a ilha de S. Vicente estará irremediavelmente perdida e aniquilada.

E voltando á necessidade de melhoramentos em S. Vicente temos a accrescentar:

Destaca-se em primeiro lugar a necessidade da construcção de um plano inclinado e de uma doca, como um importante melhoramento para o porto de S. Vicente e cuja falta tem sido muito prejudicial a esta ilha.

Tambem ha muitos annos que os negociantes d'esta ilha estão reclamando a construcção de uma ponte caes em substituição da actual, que além de estar muito deteriorada, não satisfaz ás necessidades do trafego commercial.

Uma boa parte das ruas da Cidade estão desempenhradas; a illuminação publica é insufficiente, os contornos da cidade offercem um aspecto repugnante, o lazareto está n'um estado deploravel, a cidade não possui um jardim, um theatro, que attraia os passageiros, enfim seria longa a lista das nossas necessidades e negro o quadro que as pozesse todas em relevo.

Torna-se, pois, indispensavel e inadiavel accudir a este lamentavel estado de cousas, com medidas adequadas, para salvar a ilha de S. Vicente do imminente perigo que está correndo de vêr fugir toda a navegação do seu porto e todo o seu commercio.

Nestas tristes circumstancias, pois, os abaixo assignados veem pedir a Vossa Magestade haja por bem mandar executar os melhoramentos mais urgentes de que S. Vicente está precisando, para o que se deve mandar dar inteiro cumprimento ao determinado no art.^o 10.^o do Dec. de 1 de Setembro de 1854, que creou o imposto de cem réis por tonelada de carvão importado n'esta ilha, para ser applicado especialmente o seu producto a melhoramentos n'esta ilha, cujo cumprimento foi posteriormente pela Regia portaria n.^o 218 de 14 de dezembro de 1857 e art.^o 8.^o do Dec. de 26 de maio de 1875, muito recommendado ao governador de Cabo Verde, pelo governo de Vossa Magestade.

Do anno de 1855 a 1867, foi aquella regia determinação observada e executaram-se os poucos melhoramentos que ainda existem na Cidade do Mindello, mas d'essa ephoca em diante, deixou-se de dar cumprimento ao citado Dec., desviando-se illegalmente os rendimentos de S. Vicente para melhoramentos n'outras ilhas do archipelago, sem que tivesse sido revogada aquella determinação, pois que o Dec. de 30 de Outubro de 1880, elevando a 300 réis o imposto do carvão não alterou nem revogou a mesma determinação.

Além d'isto, verifica-se pelos documentos existentes no Archivo do Municipio d'este Concelho, que a antiga casa Carvoeira Miller, que em 1854 generosamente pediu ao governo, lançasse sobre ella o imposto de cem réis por tonelada de carvão importado, para occorrer aos melhoramentos de S. Vicente, e foi em virtude d'este pedido que appareceu o Dec. de 1 de Setembro de 1854 creando o referido imposto com a declaração expressa de que o seu producto era especialmente destinado ao melhoramento de S. Vicente.

Em vista de todo o exposto, esperam os abaixo assignados que V. Magestade haverá por bem ordenar que do producto do imposto de carvão importado n'esta ilha, se applique a parte correspondente, estabelecida

no citado art.^o 10.^o do Dec. de 1 de Setembro de 1854, aos melhoramentos da Cidade do Mindello, ou então que se destine annualmente a terça parte dos rendimentos publicos d'este concelho para esse fim, devendo comprehender-se os melhoramentos da ilha de S.^o Antão, por estarem, como já se expôz, intimamente ligados os interesses d'estas duas ilhas.

Além d'isto, os abaixo assignados pedem mais a Vossa Magestade, que mande cuidadosamente estudar as demais causas da decadencia da ilha de S. Vicente, adoptando-se as medidas tendentes ao seu resurgimento e prosperidade.

E. R. M.^o — S. Vicente de Cabo Verde, 10 de Outubro de 1899. — Seguem-se assignaturas.

A REVISTA

Já não ha sombra de duvida que engane o amargor da seguinte dolorosissima verdade: que vivemos n'um paiz onde o desassombro é condemnado, onde a verdade é repudiada, onde a dignidade é atrozmente perseguida e a justiça infamemente ludibriada.

E' evidente que, aqui, n'esta gafaria, ninguem *que se prese*, pode dizer o que sente, desde o momento que o alcance a desgraça de pensar contrariamente á opinião do resto da gente que se gaita de *opinião sensata*. E, por mais que me digam, pode haver cousa mais triste; mais despresivel, nunca.

Isto, esta vara, esta obnoxia misturada d'homens e *cousas*, — com essa honrosa excepção que reconheço, que respeito e que ainda instilla em nossos corações esperanças de regeneração. — tem, evidentemente, atingido proporções de uma formidavel mascarada.

Sob a influencia d'essa horrenda miopia moral, que envesga o juizo, e além, na sua maioria, a uma absoluta desorientação, as intellectualidades constituintes da opinião publica em Cabo Verde, — tudo se modifica, tudo se desvirtua, tudo se corrompe.

Onde, porem, a situação moral do meio caboverdeano atinge o acume da desgraça, é quando nos entra no coração a certeza de que este estado de cousas é perfeitamente reconhecido e tolerado por muitos d'aquelles que a honestidade e o criterio excepcionam. Os quaes honestas, não só reconhecem o mal e se absteem de o combater, senão que se collocam contra os que o atacam, fazendo assim, da propria honra, egide protectora dos maus e dos purulentos. E acham mal, e reprovam, e condemnam que, eu, o sr. director da revista e outros, andemos, para ahi, na afausa lide de cauterisar, de enterrar tóros de pedra infernal no horrivel cancro d'esta infamia collectiva!

Acham mal, e dizem que não, que andamos errados, que é bem sujo mister esse de limpar cortelhos, e que, em summa, tudo corre no melhor dos mundos possiveis, que tudo está muito bem assim como está, mais o respeito ás leis para aqui, acatamento ás auctoridades para acolá; e que, finalmente, eu, por exemplo, devia empregar melhor os meus ocios: apegar-me ás musas, um acrosticosito aos annos do meu chefe; algumas mysticas redondilhas á edificante festa da communhão dos presos; panegiricos; loas; rendilhadas noticias locais, etc; tudo com o pratico fim de me insinuar na sympathia das pessoas gradas que me podem dar ou tirar; mais para poupar a desgostos uma certa pessoa, cuja felicidade, em triste hora eu me comprometi fazer, e a outras ainda, e a tantas outras que, olhos marejados, corações em constantes sobresaltos, seguem os meus mal seguros passos por essa via ouriçada de trações e ciladas.

E dizem-me, em cartas, em conselhos, com gestos, atitudes :

— Por causa das suas asneiras, meu caro amigo, das suas ridiculas preleções em prol da *honra*, — um sonho de bebedice chronica — em defeza da *verdade*, — uma inconveniencia no entender de muita gente boa; — a favor da *justiça* — uma defunta já nas unhas dos certos gatos pingados; — por causa d'essas suas parvoçadas, aborta-se, talvez, o empreendimento d'um homem ousado, intelligente e util, cae um jornal que podia exercer aqui benefica influencia, fazendo propaganda de cousas proveitosas; que podia auxiliar o governo apresentando alvitres, discutindo medidas de mais urgente adopção para debellar os males agudos da vossa admistração; e que, finalmente, podia fornecer suave e proveitoso entretenimento litterario aquelles que para isso deixassem pender suas predilecções. Porque, é bom que o saiba, para se penitenciar, que, por causa dos seus pedantismos revolucionarios, mudança da capital para aqui, peregrinas ideias grosseiramente expendidas para acolá, vae a revista perdendo, um a um, todos os seus assignantes. — Olhe-me para a Praia: d'aqui a pouco cá não tem a Revista um unico assignante! Conte-me, pelos dedos, os que tem no Fogo!

E, ahí mesmo na Brava... o senhor hade ver!

E eu estou vendo! Estou vendo mesmo sem olhar. Repugna-me olhar: ai de mim, porem, não posso deixar de ver. A impressão de tanta desgraça persegue-me, abraça-se ao meu pensamento, fere-me no coração, abafa-me, soffoca-me!

Voltemos porem á carta.

Leram-n'a? A parte sensata, limpa, independente, do publico caboverdeano, a que me dirijo; os *homens*, com quem fallo, (porque, não é demais dizer que, nem comprehendendo, nem me tenho podido fazer comprehender pelo *resto*), esses que são justos, que tem criterio, leram a tirada acima?

E não succedeu, a essa leitura, o pasmo, o desgosto, a tristeza, o desanimo? E depois, mas muito depois, lá á chegada da certeza de que nós vivemos no meio d'isto; que roçamos por isto; que apertamos a mão a isto, não sobreveio o mais legitimo, o mais nauseante dos nojos?

Aquellas ideias enchem cerebros de gente e derramam-se por boccas tambem de gente!

Não é nenhum sonho: é uma realidade. Não é nenhuma *força de expressão*: é toda uma inconfundivel fraqueza de sentir. Não é nenhuma mentira, como tudo o mais: é uma verdade, mas uma *verdadeira verdade*, em toda a hediondez da sua miseravel realidade!

Porque se estabeleceu uma discussão avessa a interesses d'alguns, um jornal, deixa de ter assignantes? Simplesmente desprezível!

Offerece-se uma questão. Aparecem sujeitos que discutam, que controvertam, que discretem, que gritem, que asneiem, que descomponham? Não.

Meia duzia de pessoas sérias, circumspectas, graves, algumas respeitaveis, outros despreziveis; pudibundas d'ouvidos; delicadas de gosto, saturadas de juizo, resurtam e ... deixam de ser assignantes!

Simple e summarissimo!

E' uma desgraça que a liberdade de dizer o que se pensa, se despedace d'encontro á materilidade da vida dos periodicos.

Um jornal, para viver, precisa d'assignantes.

Ahi, prostitue-se uma cousa quasi que divina ... Porque, assim como, para agradar e aguçar o pateta

endinheirado, tem, a mercadora de amor, que pôr em pratica toda uma longa experiencia de luxos, toda uma complicada sciencia de exclamações que lhe não nascem na alma, de ardores que lhe não vem do temperamento, — assim o sujeito que rabisca para o publico precisa de abordar frivolidades, asneirolas, enlourar ignorantes, lisongear vaidades, chamar bonito ao primeiro dromedario endinheirado que aparece, economicos a todos os Harpagões, heroes a todos os Tartarinos, Venus a todas as harpias, philosopho a todo o asno, doutor a todo o barbeiro, poços de sciencia á mais rêles supuração da vaidade ignorante.

Senão, não.

Entretanto, a *Revista*, a despeito da deslealissima guerra que se lhe tem, surda e traiçoeiramente, movido, fecha, com este numero, o seu primeiro anno de publicação.

Contrariamente á expectativa dos que a acolheram com mimos e a repeliram com horror, ella viveu já um anno; e, contando com o favor dos bons, mais viverá.

Quando se annunciou o apparecimento da Revista, houve quem esperasse uma folhinha, com fases da lua, dias santos marcadas com uma cruz, estafadissimas reedições de anedotas sédicas, um repositorio de banalidades rimadas e o inaudito descaro em prosa de velhos contos replagiados com toda a sem cerimonia das irresponsabilidades litterarias; e, quando rompeu uma folha de cómbate, atacando absurdos, remechendo irreverentemente na veneravel porcaria das nossas misérias administrativas, houve estupefacção, panico, debandada.

Serenou-se porém, como se viu, a tempestade; arcou o jornal com as dificuldades da sua situação e, indomitamente, modestamente, proejou ao fim que se propoz.

Vejamos o apoio que o publico lhe dá ao encetar o seu 2.º anno de publicação.

E. TAVARES.

A mudança da capital

Mais dois contendores descem á arena onde se debate a questão da mudança de capital: o sr. Joberal, e eu que venho pedir venia para dizer duas palavras sobre o modo de pensar do sr. Joberal.

Protesto simultaneamente o meu respeito pelas palavras do sr. Joberal e a minha não concordancia com o seu modo de ver.

E, tambem como filho da provincia, venho apresentar a minha não menos humilde opinião contrapondo-me aos inconvenientes enumerados pelo illustre articulista.

Ao 1.º inconveniente: necessidade de dotar Mindello de edificios para repartições publicas, que possam dar aos estrangeiros, com a exposição de bellezas architectonicas, uma idéa de que somos civilizados!

— Nem vejo essas revelações de arte nos edificios da Praia, nem sequer vejo necessidade de luxos que comprometam a economia. Edificios de marmore ver-se-hão a construir depois, quando o grau de riqueza publica o exigir. Por enquanto, os que já existem em S. Vicente, com relativamente pequenos augmentos, bastaria.

Ao 2.º — Sobre impossibilidade de os empregados publicos viverem em S. Vicente.

Não vejo nem que os vencimentos dos empregados

publicos de S. Vicente sejam superiores aos dos seus collegas da Praia, nem que aquelles tenham soffrido privações, gastando mais do que ganham. Transferir um empregado não é obrigar-o a demittir-se; os que assim o julgam, desacertadamente pensam.

Não fazer a mudança da capital por motivos tão fúteis é submeter a realisação d'uma medida politica á conveniencia do funcionario.

Passar a machina administrativa das riquezas ultramarinas a mover-se só no sentido do utilitarismo de meia duzia de burocratas. E diz-se ao Progresso impaciente: — «Tenha paciencia, amigo; não se pode ainda dar esse passo para a frente porque o sr. F. . ., decano da burocracia, não pôde ir a S. Vicente; a capital tem pois que cá ficar, ainda, enquanto s. ex.^a tiver folego!»

Ao 3.^o — Sobre o exodo! Praia decahe, definha-se, morre se lhe tirarem a capital?

Não. E' uma injustiça que o illustre articulista faz á Praia. S. Thiago é uma ilha riquissima. Não é a capital que lhe dá vida. E' a sua agricultura. Ora não se levam os trapiches e as enchadas para S. Vicente.

Ao 4.^o — Abandonar edificios. Também não. Porque o governo deixa representação na Praia; o funcionamento não paralisa. O correio, a repartição de fazenda, a administração do concelho, a delegação de saúde, etc., etc., lá ficam.

A mudança da capital não vai completar á importancia commercial de S. Vicente. Vai centralisar melhormente a importancia politica de Cabo Verde.

Sobre communicacões com a metropole abstenho-me de entrar em explicações; está-se em pleno dominio da estatística.

Sobre estrategia também nada digo. Para provar que a perspicacia e intelligencia das auctoridades não basta, veja-se que o governo da metropole tanto que assim não pensou que mandou para lá o sr. governador, por occasião do conflicto hispano-americano.

Quanto ao aproveitamento dos elementos de civilisação e progresso, elles são, de facto, em S. Vicente, de 1.^a ordem. Resta podel-os comprehender e sabel-os aproveitar. Isto é: resta um impossivel.

Finalmente o sr. Joberal diz que a capital na Praia impõe-se por muitas cousas e por a tradição! E' costume nosso. Vivemos de tradições; o diabo é que ellas não nos tem valido em apertos de fome.

O nosso intelligente e illustre conterraneo, sr. Eugenio Tavares, já ahí disse o nome do primeiro ministro que mudou a capital, gravando por isso, na historia Caboverdeana, uma pagina negra: Sá da Bandeira. Leia esse nome, trema e bata no peito.

HONORIO 2.^o

Saneamento

Hoje que a peste bubonica invadiu a cidade do Porto, ameaçando o resto da Europa; — que se manifestou n'alguns portos do sul da America; — que vapores impetados veem pedir carvão aos nossos portos da Praia e de S. Vicente, e que nos vemos obrigados, pela força das circumstancias, a receber carga e passageiros da metropole, convem redobrar de cuidados e de vigilancia sobre a hygiene publica e saneamento das povoações.

Algumas, e entre ellas a cidade da Praia, embora se tenham feito inspecções a pateos e quintaes, deixam ainda muito a desejar em questão de limpeza e aceio.

Ha o costume, quando se approxima o tempo das chuvas ou quando se falla n'uma epidemia, de se fazerem inspecções e visitas, que depois se esquecem e cahem em desuso. Descobrem-se então muitos contos de porcaria, verdadeiros focos de infecção, que se removem, mas que se renovam pouco tempo depois pelo desteixo e tradicional pouco aceio.

Se, porém, as inspecções e visitas se succedessem, é possivel que o povo se habituasse á limpeza e aos preceitos hygienicos, pelo habito e pelo receio das multas e dos castigos que se lhe impuzessem.

As camaras municipaes também n'esta cruzada teem importantes deveres a cumprir, a que nem sempre se dedicam com o zelo e boa vontade, que seriam para desejar, enervando assim os intuitos das auctoridades administrativas e dos delegados de saúde.

A extincção de pardieiros ou levantamento dos seus muros a altura que evite o despejo de immundicies; a limpeza das ruas e largos e seu calcetamento; a caiação dos edificios e predios; a remoção dos lixos para pontos afastados, onde possam ser destruidos; tudo isso são attribuições das camaras municipaes.

Na Praia nada d'isso se faz. Os pardieiros estão abertos e são focos de infecção; algumas ruas estão por calçar; as casas não se pintam ha annos; os lixos espalham-se pelas rochas que circumdam a cidade, constituindo ninhos de toda a casta de microbios.

Além d'isso os muros que circumdam a cidade e lhe servem de resguardo ás rochas, pouco elevados e abertos n'alguns pontos, dão passagem a toda a gente que atraz d'estes vai defecar.

No largo da Boa Vista, para o norte, vê-se á noite uma verdadeira romaria de gente que vai e vem defecar por aquellas rochas.

E note-se que este ponto fica justamente a barlavento da cidade, trazendo com as brizas, para cima d'ella, todo o mau cheiro que d'ali emana, e que por ali é raro vêr um policia a evitar aquellas correrias, com que seria facil acabar por uma vigilancia aturada.

Ora tudo isto está pedindo remedio, e está pedindo a acção immediata dos poderes centraes, visto que nem as boas intenções nem as boas palavras conseguem nada. E essa acção directa não deve demorar-se a pôr-se em campo, visto que por todos os lados estamos ameaçados de uma terrivel epidemia, cujo principal meio de expansão é a immundicie e a porcaria.

Nós não temos aqui os meios e o pessoal de desinfecção da Europa e precisamos por isso appellar para o intransigente aceio e limpeza das povoações como prevenção e como ataque n'um dado momento.

A extincção dos ratos, principal vehiculo da peste, deve ser aconselhada e posta em pratica por todos os modos, e as medidas de saneamento devem ser adoptadas com todo o rigor.

N'esta questão convem lembrar que «salus populi suprema lex est».

Não pode haver n'este caso transgressões condencencias ou atenções de especie alguma: n'estas circumstancias só cabe a cada um cumprir rigorosamente com o seu dever, sendo o governo inexoravel para os que o não façam.

VIGILANTE.

A sahir brevemente:

À RODA DE CABO VERDE

Um volume de 100 paginas approximadamente, por L. Loff de Vasconcellos.